

## LEXICOGRAFIA CONTRASTIVA DE SUFIXOS NOMINAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

Milena Uzeda GARRÃO<sup>1</sup>  
Sebastião SILVA FILHO<sup>2</sup>  
Violeta QUENTAL<sup>3</sup>

**ABSTRACT:** *Esse trabalho apresenta um estudo contrastivo preliminar sobre a formação sufixal no Português do Brasil (PB) e o Português Europeu (PE). Através de uma pesquisa com base em corpora digitalizados, também levanta questões sobre a produtividade contrastiva de sufixos nominais nessas duas variantes e sobre as aplicações computacionais desse fenômeno. Por uma ótica descritivista, a ausência de tratamento sistemático dos contrastes de formação de sufixos nominais em PB e em PE (como virada/viragem; sujeira/sujidade) pode vir a acarretar uma avaliação equivocada do uso de ambas as modalidades. Nessa etapa da pesquisa, privilegiaram-se os sufixos que formam nomes, uma vez que as nominalizações revelam um alto teor de poder discriminatório (função denominativa) se comparadas a outras partes do discurso. Portanto, em função do grau de relevância dos nomes para a Teoria da Informação (cf. Garrão e Dias, 2003), optou-se por descartar, por ora, os contrastes de formação de sufixos adjetivais.*

**KEYWORDS:** Lexicografia contrastiva, sufixos nominais, português brasileiro, português europeu.

### 1. Introdução

O presente trabalho trata da etapa inicial ou de um estudo-piloto de um projeto de pesquisa que tem como objetivo a descrição contrastiva do processo de formação sufixal do PB e do PE, uma vez que podemos observar empiricamente uma distinção bastante acentuada em nível morfossemântico entre essas variantes. Para a realização dessa primeira etapa do trabalho, concentramos a nossa análise na derivação por formação de nomes, mais precisamente sobre o processo de nominalização deverbal sufixal.

Sabe-se que os nomes ou substantivos têm alto poder discriminatório (função denominativa) em comparação às outras classes de palavras. Sua carga informacional traz um impacto imediato tanto para a descrição da língua portuguesa como para outros alguns campos de aplicação dos estudos sobre o léxico, como, por exemplo, para as áreas de Recuperação de Informações (RI) e de Tradução Automática, no domínio do Processamento de Linguagem Natural (PLN, doravante), que dependem prioritariamente da descrição de substantivos de uma determinada língua. E uma vez que muitos casos de nominalização no PB e no PE apresentam variações na sua formação sufixal (como, por exemplo, *sujeira* no PB/*sujidade* no PE), essas preferências devem ser fornecidas aos sistemas de busca de informações ou ao programa tradutor.

Sob uma ótica descritivista, a falta de tratamento sistemático dos contrastes de formação de sufixos nominais em PB e PE pode vir a acarretar uma avaliação maquiada do uso de ambas as modalidades, comprometendo diretamente domínios da linguística aplicada,

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem (PUC-Rio), professora da área de Linguística do Departamento de Linguagens e Tecnologias da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Doutorando em Lexicologia – Terminologia (Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas)

<sup>3</sup> Doutora em Estudos da Linguagem (PUC-Rio), professora do Departamento de Letras da PUC-Rio.

como, por exemplo, o ensino de português como segunda língua e de tradução, além de outros campos multidisciplinares, como a área de PLN, citada anteriormente.

Dentre as implicações práticas, destaca-se o campo da lexicografia computacional, mais especificamente os domínios de RI (campo em que os substantivos são considerados os mais importantes geradores de informações) e a tradução automática, domínio onde se evidencia a importância da descrição das distinções constitutivas dos sufixos nominais dessas duas modalidades do português. Veja-se, por exemplo, a colocação da língua inglesa “*bus stop*”, que seria traduzida para o PB como *parada de ônibus* e para o PE como *paragem de autocarro*. Casos como esse demonstram que o contraste lexicográfico vai além da descrição de um léxico acidentalmente herdado ou privilegiado pelas duas culturas, como *ônibus* e *autocarro*, mas também invade o domínio da morfologia derivacional. Portanto, há de se estabelecer pressupostos teóricos e metodológicos que possam apoiar uma descrição de uso de uma base + sufixo nas duas variantes.

Tendo em conta a análise da formação de palavras através da sufixação, pensamos ser relevante chamar atenção para os aspectos sócio-culturais inerentes a esse processo.

## 2. Aspectos sócio-culturais na formação das palavras

Carvalho (2001) lembra que as variantes brasileira e portuguesa possuem normas que se diversificaram ao longo da história, refletindo as distintas culturas dos povos que a falam. Estamos aqui pensando em cultura como um aspecto inerente à língua, que expressa a interação e partilha do conhecimento e experiência entre os indivíduos que integram um mesmo ambiente social, como diz Diki-Kidiri: “l’ensemble des expériences vécues, des connaissances générées et des activités menées dans un même lieu et à une même époque par une personne humaine individuelle ou communautaire et qui lui servent à construire son identité”. (2007:15)

O uso preferencial de determinados sufixos é, de alguma forma, resultado de fatores sócio-histórico-culturais que fogem à interpretação linguística. O uso de sufixos como “-ão” para, metaforicamente, criar neologismos como “orelhão”, “minhocão”, “mergulhão” etc. é típico da variante do português do Brasil e extremamente produtivo nesse contexto. Os sufixos, como formantes carregados de cultura, podem definir e delimitar o uso de uma dada palavra entre grupos sociais distintos.

A influência do contexto sócio-cultural pode ser evidenciada em outros exemplos, como os que se seguem: o uso de *canadense* (PB) e *canadiano* (PE); *bolsista* (PB) *bolseiro* (PE). Da mesma forma, o falante de PB dirá “A *escovação* e o fio *dental* garantem que seus dentes fiquem livres de *sujeira*”, enquanto que um falante do PE irá optar pela frase “A *escovagem* e o fio *dentário* garantem que seus dentes fiquem livres de *sujidade*.” Como esses, há diversos outros usos peculiares a cada cultura.

Apesar de reconhecermos a importância desses aspectos histórico-culturais, acreditamos que seja possível encontrar regularidades morfológicas em cada uma das variantes estudadas.

## 3. Objetivos

Os processos de nominalização em PB e PE, como referidos anteriormente, merecem uma incursão teórica mais profunda, uma vez que, em muitos casos, apresentam variações na sua formação sufixal. Note-se, contudo, que consideraremos uma base comum às duas variantes, muito embora estejamos partindo de uma análise contrastiva que implica o estabelecimento de regras para aplicações computacionais futuras.

A partir da análise das evidências de formação sufixal, pretendemos contribuir para a lexicografia contrastiva na descrição da formação das unidades nominais, com o objetivo de elaborar padrões de formação contrastivos em ambas as variantes; posteriormente, com base no padrão detectado, pretende-se avaliar a real necessidade de conceber uma ferramenta computacional com o objetivo de produzir automaticamente os padrões de nominalização a serem analisados ou de organizar somente uma lista desses contrastes derivacionais.

Caso os resultados sejam inexpressivos quantitativamente, a escolha pela listagem é certamente mais econômica.

#### 4. Metodologia

Esta investigação considera o fenômeno com nítida ênfase nos dados empíricos disponíveis em PB e PE. Por isso, dependemos inevitavelmente da utilização de *corpora* para dar conta das falhas de intuições do pesquisador quanto ao que vem a ser a formação nominal utilizada e ou recorrente. Para esse estudo, utilizaremos o *corpus* NILC/São Carlos (Aires & Aluísio, 2001), que contém 42 milhões de palavras do PB com texto jornalístico da Folha de São Paulo, mas também cartas comerciais e textos didáticos; já para o PE, utilizaremos o *corpus* CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) (Rocha & Santos, 2000), o qual contém aproximadamente 180 milhões de palavras. Paralelamente à utilização dos *corpora* anteriormente mencionados, lançaremos mão de *corpora* de exclusão, para fins de consulta e para a confirmação e retificação dos dados obtidos.

O *corpora* de exclusão para ambas as variantes é constituído por dicionários. Para o PB, o dicionário Houaiss e para o PE o dicionário da Porto Editora.

O foco da análise nessa primeira etapa da pesquisa é a formação de nomes através do processo sufixal deverbal, que pode trazer evidências em relação ao uso de um dado sufixo em detrimento de outro. Apresentaremos aqui um estudo de caso que contempla a preferência de uso dos sufixos –AGEM e -DA para a nominalização sufixal deverbal de *virar* e *parar* em ambas as variantes: PB e PE. Pressupõe-se que esse estudo conduzirá a uma análise que pode contemplar a formação produtiva inerente ao funcionamento de ambas as variantes, considerando as preferências de uso exigidas por ambas as modalidades.

#### 5. Dados sobre a formação e uso da nominalização deverbal

Em estudo para a descrição do PB na modalidade falada, Basílio (1996:28) foca a formação e uso da nominalização deverbal sufixal. Em uma análise de *corpus* que englobava tanto discurso formal, discurso dialogado e entrevista formal, a autora encontrou os seguintes resultados: de um total de 362 formas nominalizadas regulares, constataram-se 218 ocorrências de –ção (60,2%), 73 ocorrências de –mento (20,1%), 48 ocorrências de -nc(i)a (13,2%), 18 ocorrências de –da (4,9%) e 5 ocorrências de –agem (1,4%).

Em virtude de haver em –ção um caráter semântico generalizante, a autora não se surpreende com sua hegemonia na língua falada. Contudo, ratifica que a oposição –ção/-mento deve ser mais aprofundadamente estudada tendo em vista a relativa analogia na sua função (caráter processual). Basílio argumenta que, em relação aos outros sufixos deverbais, uma proporção minoritária já era esperada, em virtude das especificações semânticas. Ela explica que a ocorrência de -da é condicionada a verbos de movimento e a ocorrência de -agem está atrelada a verbos indicadores de operações, nos quais compete com –ção e –mento. Note-se, contudo, que a análise de Basílio (1996) foi especificamente focada no discurso do PB.

Já Rio-Torto (1998:119), em um estudo não quantitativo mas descritivo da morfologia derivacional do PE, utiliza a denominação *Nomina actionis* para abranger os nomes deverbiais parafraseáveis por “o fato de V” ou ação/processo e/ou resultado da ação/processo de V. Neste grupo, a autora cita os sufixos –mento, –ção, –gem, –ão, –nça. Interessante notar que não há aqui nenhuma menção direta ao sufixo –da. A autora se debruça nesse sufixo quando descreve nomes de eventos não deverbiais mas sim denominais (como *facada*, *alfinetada*), algo compartilhado pelo PB, mas não exclusivamente.

Concordamos, portanto, com Basílio e sua distinção de –da para verbos de movimento e –agem para verbos indicadores de operações para o PB. A nossa hipótese, contudo, é de que em PE, –agem tende a exercer a função de –da em relação a esses verbos de movimento.

## 6. Dados contrastivos do PB e do PE

Voltemos nossa atenção aos sufixos –mento, –ção, –agem. Segundo Basílio (1996:28), eles tendem a ser intercambiáveis (usados com verbos indicadores de operações) se analisarmos os sufixos somente do ponto de vista semântico. Aqui há, portanto, uma explicação teórica que justificaria o fato de em PB o sufixo preferencial para adjunção ao verbo *deslocar* ser *deslocamento* e em PE, *deslocação*; o contrário ocorre com *apurar*, cujo uso preferencial em PB é *apuração* e em PE, *apuramento*. Em relação a concorrência –ção e –agem, podemos citar *patinação* e *rotulação* em PB e *patinagem* e *rotulagem* em PE. Contudo, em relação a –da e –agem percebemos um fenômeno particular e merecedor de destaque, conforme descreveremos na seção a seguir.

### 6.1. Estudo de caso da nominalização de *virar* e *parar* em PB e PE

Pudemos notar através de análise dos *corpora* de PB e PE utilizados nesse estudo de caso que há uma diferença clara de uso dos sufixos –da e –agem em relação às duas variantes da língua portuguesa. Mais especificamente, em PB a sufixação deverbal –da forma tanto adjetivos quanto substantivos a partir de verbos de movimento (nesse trabalho, apresentaremos dados relativos aos verbos *virar* e *parar*). Já em PE, a sufixação deverbal –da tende a formar exclusivamente adjetivos atrelados a esses verbos, enquanto que o sufixo –agem forma os substantivos desses mesmos verbos. Em outras palavras, em PE, parece haver uma restrição morfossemântica maior em relação à derivação que tem como base os verbos de movimento *virar* e *parar*, onde a regra de formação [V<sub>mov</sub>]-da formaria adjetivos e [V<sub>mov</sub>]-agem formaria substantivos. Vamos aos exemplos dos *corpora*:

a.1) Exemplo de *virada* em PE (corpus CETEM Público): total de 999 ocorrências

par=ext23161-soc-92b-1: “A sensibilidade do mundo ocidental está **virada** para o êxito individual e para a curtação”.

par=ext184748-pol-97a-2: “Isto exige uma política **virada** para a constante audição dos cidadãos, para a prática democrática efectiva” .

par=ext66136-nd-94a-3: “Numa delas, a varanda **virada** para o mar” .

par=ext10769-soc-96b-2: “Todavia, a ajuda internacional está toda **virada** neste sentido, as palavras de ordem são repatriação e reconstrução:”

par=ext23868-eco-98a-2: “Inpa **virada** para o exterior”

a.2) Exemplos de *viragem* em PE (corpus CETEM Público): total de 2712 ocorrências

par=ext3817-clt-93a-2: “Este livro corresponde a uma **viragem** na obra de Luísa Dacosta”.

par=ext24866-soc-98b-2: “Os jovens e a **viragem** do século”.

par=ext20924-clt-92a-2: “É o primeiro momento de grande clímax e com essa **viragem** dá-se um novo sentido à história” .

par=ext8935-nd-93b-2: 3. O Vaticano II operou ainda uma outra **viragem** decisiva .

par=ext22682-nd-95a-1: O ponto de **viragem** foi o massacre de Santa Cruz em Novembro de 1991 .

Pudemos observar, através de uma análise exaustiva dos *corpora*, que *virada* em PE exerce função adjetival, enquanto *viragem* exerce função nominal. Comparemos esses resultados com os do PB:

a.3) Exemplos de *virada* in PB (corpus NILC/São Carlos): total de 809 ocorrências

par=19967: “Tem o nome pomposo de Brasil Real -- Desafios da pós-estabilização na **virada** do milênio”.

par=25733: “A principal razão da **virada** foi a retração de 40 % na indústria açucareira .”

par=26407: “Aliviado com a **virada**, Carlos Germano não se conteve.”

par=33435: “Chacina é página **virada**, prometeu.”

par=57478: “Sugerimos ao colega que transmitisse com a antena **virada** a 180, da posição atual, isto é, que transmitisse pela via longa.”

par=101922: “Mais tarde, para posicionar-se para a entrada em órbita lunar, a Apollo 8 foi **virada** de maneira que o motor ao final do módulo de serviço apontasse para a Lua.”

a.4) Exemplos de *viragem* em PB (corpus NILC/São Carlos): total de 5 ocorrências

par=61576: TG: “O ponto de **viragem** foi, a meu ver, a Revolução.”

par=Mais-94b-nd-1: “Penso no século 4 a.C. (com a formação da filosofia grega clássica) e na **viragem** do século 19 ao 20 (com diversas tentativas de devolver à filosofia seu fundamentum absolutum).”

par=61298: “Na realidade, o autor iniciou-se como neo-realista, orientado pelo materialismo dialético..., mas num livro sintomaticamente intitulado Mudança dá-se a grande **viragem**.”

par=61473: “Dos meus tempos de liceu ficou-me a idéia de que a novela se limita a contar momentos de **viragem** de uma vida...”.

par=Mais-94b-nd-1: “Da mesma maneira, na **viragem** do século 19 ao 20, filósofos como E. Husserl, H. Bergson e B. Russell, cada um à sua maneira, retoma a luta contra diversas formas de relativismo...”

Como pudemos observar no corpus do PB, *virada* exerce tanto função nominal (675 casos: três primeiros exemplos em a.3) quanto adjetival (134 casos: três últimos exemplos em a.3). Se levarmos em consideração que houve somente 5 ocorrências de *viragem* em PB, poderíamos inferir que esse número representa produção de falantes nativos do PE (ou em contato com falantes de PE) em um corpus brasileiro.

b.1) Exemplos de *parada* em PE (corpus CETEM Público): total de 2712 ocorrências

par=ext7003-clt-98b-2: “A Deco também não está **parada**.”

par=ext10416-soc-94a-2: “A câmara está **parada** e ainda não realizou sequer dez tostões de obras, disse, porque ninguém sabe quem manda e cada um puxa para seu lado.”

par=ext22331-soc-96a-2: “O José já não via só a vida mal **parada**: já a via a andar para trás e ainda a procissão ia no adro...”

par=ext35046-des-96b-1: Foi apenas para a equipa não ficar **parada**, disse Carlos Brito, que já terá sido avisado de que, na pior das hipóteses, ficará no comando até ao próximo jogo, frente ao Gil Vicente .

b.2) Exemplos de *paragem* em PE (corpus CETEM Público): total de 3132 ocorrências

par=ext1245-des-96b-1: “Luís Jesus era o favorito no sector masculino e confirmou as previsões, neste seu regresso à competição após **paragem** por lesão.”

par=ext5428-des-96b-2: “Três meses depois, foi a vez de o frio provocar fatal **paragem** cardíaca a três pessoas que aguardavam a passagem dos carros.”

par=ext6546-soc-92b-2: 5. “Está a chover a cântaros; você passa de automóvel pela **paragem** do autocarro e vê uma bicha de pessoas sujas de lama.”

par=ext4839-nd-97b-3: Atletismo: Fernanda Ribeiro antecipa **paragem**.

Vemos aqui o mesmo padrão daquele observado no verbo *virar* em PE. *Parada* é utilizada geralmente em função adjetival, enquanto *paragem* tem claramente uma função nominal. Um outro fator semântico relacionado à ocorrência significativa de *parada* nesse corpus é que, além de exercer uma função adjetival, também poderia ser identificada como uma sinonímia de “desfile”. Isso justificaria as 1165 ocorrências de “parada” como termo substantivo em PE.

b.3) Exemplos de *parada* em PB (corpus NILC/São Carlos): total de 755 ocorrências

par=2854: “praticar a massagem cardíaca, se houver **parada** do coração.”

par=10283: “A última **parada** de Michael, e a mais demorada, foi na loja de brinquedos e roupas infantis La Look, onde ficou por mais de 40 minutos.”

par=34779: “Em frente à pirâmide da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) , nova **parada**.”

par=62397: “Estive **parada** desde 1994.”

par=Brasil-94a-pol-1: “Agora vão dizer que tem muita obra **parada**.”

par=Brasil-94a-pol-2: “Na cidade de São Paulo, continua **parada** a Glaspac, e em Salto, a Alcoa.”

b.4) Exemplos de *paragem* em PB (corpus NILC/São Carlos): total de 2 ocorrências

par=118382: “O guerreiro cristão percorrendo essa **paragem**, começou de cismar.”

par=Folhateen-94a-soc-1: “Nesta **paragem**, ninguém tem mais o que inventar.”

Como podemos identificar na análise de corpus do PB, *parada* exerce tanto função nominal (544 casos: três primeiros exemplos em b.3) quanto adjetival (211 casos: três últimos exemplos em b.3). Se levarmos em consideração que houve somente 2 ocorrências de *paragem* em PB, poderíamos também supor que esse número representa produção de falantes nativos (ou em contato frequente com) do PE em um corpus brasileiro.

## 7. Implicações computacionais e descritivas

Os dados obtidos nos *corpora* corroboram a hipótese de que, de fato, em PB o sufixo –da tem uma função categorial mais abrangente do que em PE, derivando adjetivos e substantivos. Houve apenas 5 casos de *viragem* e 2 de *paragem* no *cópus* do PB, o que pode indicar dados de falantes do PE em entrevistas ou comentários para jornais brasileiros.

A partir desses dados, para verbos de movimento como *parar* e *virar*, poderíamos supor um padrão de Regra de Formação de Palavras (RFP) inspirado pela visão de Aronoff (1976), que em PE tenderia a ser  $[V_{\text{mov}}]\text{-da} \rightarrow \text{Adj}$  e  $[V_{\text{mov}}]\text{-agem} \rightarrow \text{N}$ . Já em PB, a RFP  $[V_{\text{mov}}]\text{-da}$  tenderia a formar tanto adjetivos como nomes.

Contudo, essa regra não parece tão produtiva assim em PE. Isto é, em relação a outros verbos de movimento como *correr*, *caminhar*, *descer*, *subir*, em PE seria mantida a mesma RFP formulada para PB<sup>4</sup>:

$$[V_{\text{mov}}]\text{-da} \rightarrow \begin{matrix} \text{Adj} \\ \text{N} \end{matrix}$$

Conclui-se, portanto, que a implementação da regra apresentada para verbos como *virar* e *parar* não teria um poder de generalização necessário para dar conta de todos os verbos de movimento em PE e em PB. Em outras palavras, a suposta regra parece estar exclusivamente atrelada a esses dois verbos. Assim sendo, do ponto de vista computacional, ao invés de uma regra generalizante para formação de nomes deverbais a partir de verbos de movimento para o PE e para o PB, é mais econômica a descrição da exceção de ambas as formações denominais (*parar* e *virar*) para o PE.

Rio-Torto (1998:109) considera:

“Um dos aspectos do português cujo estudo sistemático importa empreender é o da descrição de seu sistema da formação de palavras. Se razões de outra natureza não houvesse, convir-se-á que o tratamento computadorizado do léxico, que atualmente mobiliza tantas atenções, requer um sólido conhecimento do sistema derivacional do português, ainda por levar a cabo.”

Embora seja bastante perspicaz a análise da autora sobre a importância do ponto de vista computacional em relação à descrição do processo de formação de palavras, um fator a ser considerado, tendo em vista a análise aqui proposta, é que o sistema derivacional do português não é homogêneo e aplicável de uma forma generalizante.

Portanto, computacionalmente, é importante que o profissional se cerque de cuidados ao pensar em implementar regras morfológicas do português em um sistema de PLN. Do ponto de vista teórico e descritivo, o mesmo cuidado se faz necessário em relação à formação de palavras do português, uma vez que a análise de *corpora* nos permite pontuar diferenças cruciais nessas regras de formação para modalidades distintas do português.

Fica patente, então, que o domínio relativamente novo da Linguística de *Corpus* contribui para um olhar mais realista sobre o uso de variantes do português e traz dados contundentes e sólidos que viabilizam a sua descrição e, sempre que possível, a formalização de alguns fenômenos linguísticos. Para o nosso presente propósito, um estudo-piloto com objetivo de dar início a um projeto de pesquisa descritivo envolvendo o uso do português no Brasil e em Portugal, a Linguística de *Corpus* se mostra imprescindível para uma caracterização contrastiva de formação de nomes deverbais em língua portuguesa.

<sup>4</sup> Já verbos como *nadar*, *retornar*, *contornar*, em ambas as modalidades do português, seguiriam a derivação regressiva para formação de substantivo (*nado*, *retorno*, *contorno*) e a regra  $[V_{\text{mov}}]\text{-da} \rightarrow \text{Adj}$  para formação de adjetivos. Portanto, mesmo a RFP descrita acima teria uma aplicação relativamente restrita também em PB.

## 8. Discussão e trabalhos futuros

Esse foi um trabalho-piloto que dará origem a um projeto mais minucioso sobre a formação de nomes por processo de sufixação deverbal do PB e o PE para fins descritivos e computacionais. Conforme expusemos anteriormente, pretendemos contribuir de forma efetiva a) para a lexicografia contrastiva do PB e do PE na descrição da formação das unidades nominais e, mais adiante, de outras unidades como adjetivos e verbos; b) para a elaboração de padrões de formações contrastivos em ambas as variantes do português; e c) para avaliação da aplicabilidade de uma ferramenta computacional com o objetivo de produzir automaticamente os padrões de sufixação a serem analisados.

Numa primeira apreciação dos dados do nosso estudo de caso da formação de nomes a partir de bases verbais *parar* e *virar*, podemos dizer que:

- 1) Em PB o sufixo -da atrelado aos verbos *parar* e *virar* exerce uma função categorial mais abrangente do que em PE, derivando adjetivos e substantivos;
- 2) não é computacionalmente rentável gerar uma regra do tipo  $[V_{mov}]-da \rightarrow Adj$  e  $[V_{mov}]-agem \rightarrow N$  para o PE, uma vez que essa regra parece estar atrelada exclusivamente aos verbos *parar* e *virar*.

Além disso, observamos também de uma forma mais geral que em PE parece haver uma produtividade sufixal mais flexível em relação a outros tipos de sufixação deverbal (como *aposentação* /*aposentadoria*, *deslocação*/ *deslocamento*) enquanto que o PB parece tender a uma rigidez maior (*aposentadoria* e *deslocamento*). Com isso, fica patente a necessidade de identificação de preferências na formação de um ou outro sufixo no PE e de uma lista das nominalizações preferenciais e algumas restrições semânticas.

Portanto, nesse futuro projeto intitulado provisoriamente *Lexicografia contrastiva e tratamento automático de sufixos nominais do PE e do PB*, pretendemos desvendar contrastivamente o comportamento de nominalizações deverbais sufixais e, mais adiante, outros processos sufixais formadores, por exemplo, de adjetivos (como *promissor* (PB)/ *prometedor* (PE) e de verbos (*potencializar* (PB)/ *potenciar* e *potencializar* (PE)).

Até o presente momento este é um trabalho que parece promissor, apesar de ainda com poucos resultados.

## Referências

- AIRES, R.; ALUÍSIO, S. *Criação de um Corpus com 1000.000 de Palavras Etiquetado Morfossintaticamente*. Technical Report NILC-TR-01-8, NILC, Campinas, 2001.
- ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1976.
- BASÍLIO, M. . *Formação e Uso da Nominalização Deverbal Sufixal no Português Falado*. In: Ataliba T. de Castilho; Margarida Basilio. (Org.). Gramática do Português Falado v.IV. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996, v. 4, p. 23-30.
- \_\_\_\_\_. *Relações Lexicais e Aquisição do Léxico no Ensino do Português como Língua Estrangeira*. In: IV Congresso da Sociedade Internacional de Português como Língua Estrangeira, 2001, Rio de Janeiro. Anais do IV Congresso SIPLE. Rio de Janeiro : PUC-RIO, 2001.
- CARVALHO, N. M. *Léxico, Cultura e Publicidade*. Cadernos do CNLF (CIFEFII), Rio de Janeiro, v. V, nº 2, p. 68-70, 2001.



**Anais do IX Encontro do CELSUL**  
**Palhoça, SC, out. 2010**  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**

DIKI-KIDIRI, M. *Eléments de terminologie culturelle*. Cahiers du Rifal, 2007. Vol. 26 (Terminologie, culture et société), p.14-25

Porto Editora (sem autor). *Acordo Ortográfico: Guia Prático*. Porto Editora, Porto, 2008.

RIO-TORTO, M. G. *Morfologia Derivacional: Teoria e Aplicação ao Português*. Coleção Lingüística, Porto Editora, 1998.

ROCHA, P. & SANTOS, D. "CETEMPúblico: Um corpus de grandes dimensões de linguagem jornalística portuguesa", in Maria das Graças Volpe Nunes (ed.), *Actas do V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada (PROPOR'2000)* (Atibaia, São Paulo, Brasil, 19 a 22 de Novembro de 2000), pp. 131-140.